

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2006 - ANO X - Nº 111

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Nos últimos meses, os jornais vêm noticiando que o governo estadual estará liberando para os municípios recursos para serem canalizados para o turismo. Esses recursos possibilitarão a manutenção e o desenvolvimento dos recursos naturais e culturais das cidades, bem como o investimento em infra-estrutura, impulsionando-se o empreendedorismo necessário para o desenvolvimento do turismo.

Em Piquete, há mais de um século fala-se em turismo e busca-se atrair visitantes, em razão de suas belezas naturais. Para que o turismo aconteça é preciso, no entanto, que se elabore, urgentemente, um projeto desenvolvimentista que alavanque essa modalidade econômica, gere empregos e renda para a população.

Para que Piquete pense em turismo, a palavra de ordem é planejamento. Qualquer ação voltada para essa área precisa ser precedida de estudos bem elaborados a longo e médio prazo. Ser imediatista nesse setor é investir no fracasso. O município precisa investir em infra-estrutura básica e na recuperação ambiental de áreas degradadas, uma vez que os agravos ambientais visíveis no município agredem os olhos e o bom senso dos visitantes. Na cidade, muitas encostas colocam em situação de risco a população. Elas, assim como as margens de nossos rios, precisam ser urgentemente recuperadas.

Investir no verde e na melhoria das condições de vida da população piquetense deve ser objetivado. Um projeto de arborização, criação de áreas verdes, bem como a revitalização de praças, deixarão a paisagem com aspecto mais agradável, o que fará com que o turista volte sempre à cidade.

Precisamos resgatar no verde nossa nova identidade, para que sejamos merecedores do cognome “Cidade Paisagem”. Para tanto, um programa municipal voltado para o turismo deve conciliar um planejamento que conte com a participação das associações de moradores de bairros e de toda a comunidade em diferentes ações.

O envolvimento da população é importante para recuperação e preservação do meio ambiente. Recursos para programas como esse existem em diferentes linhas de financiamento. Faltam iniciativa, liderança e ousadia na elaboração de projetos. Ações pontuais e tímidas não implantarão o tão sonhado turismo em Piquete.



Com a ampliação da consciência ecológica e a percepção de que as perdas ambientais crescem a passos largos, aumenta a necessidade de se proteger os remanescentes da flora e fauna da Mata Atlântica.

Área de Proteção Ambiental da Mantiqueira

Nos últimos meses, o Vale do Paraíba vem discutindo, por meio de seminários, simpósios e encontros, os problemas ambientais que afetam, direta ou indiretamente, a região. A questão das águas é tema central dessas reuniões.

Vivemos um momento de decisão, quando se discute o adequado uso do solo, a conservação da biodiversidade e a sustentabilidade ambiental. Objetiva-se a preservação do meio ambiente e o futuro desta e das próximas gerações.

Em Piquete, parte significativa do território do município encontra-se em Área de Proteção Ambiental (APA). A APA da Mantiqueira foi criada pelo Decreto Lei nº 91.304, de 3 de junho de 1985. Abrange 25 municípios nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Busca-se, com essa lei, garantir a conservação do conjunto paisagístico e da cultura regional, proteger e preservar parte de uma das maiores cadeias montanhosas do sudeste brasileiro, a flora endêmica e andina, os remanescentes dos bosques de araucárias, a continuidade da cobertura vegetal do espigão central e das manchas de vegetação primitiva, e a vida selvagem, principalmente as espécies ameaçadas de extinção.

Historicamente, as primeiras tentativas de ocupação dessa região aconteceram nos séculos 17 e 18, quando os bandeirantes buscavam riquezas minerais. Posteriormente, foram a extração de madeira e a agropecuária que realmente levaram à ocupação da área. Grande parte dos rios

tributários do Paraíba do Sul tem suas nascentes na Mantiqueira. Visando a proteger esse patrimônio da humanidade é que os municípios vêm se organizando para cobrar de órgãos governamentais políticas ambientais eficientes e o cumprimento da legislação.

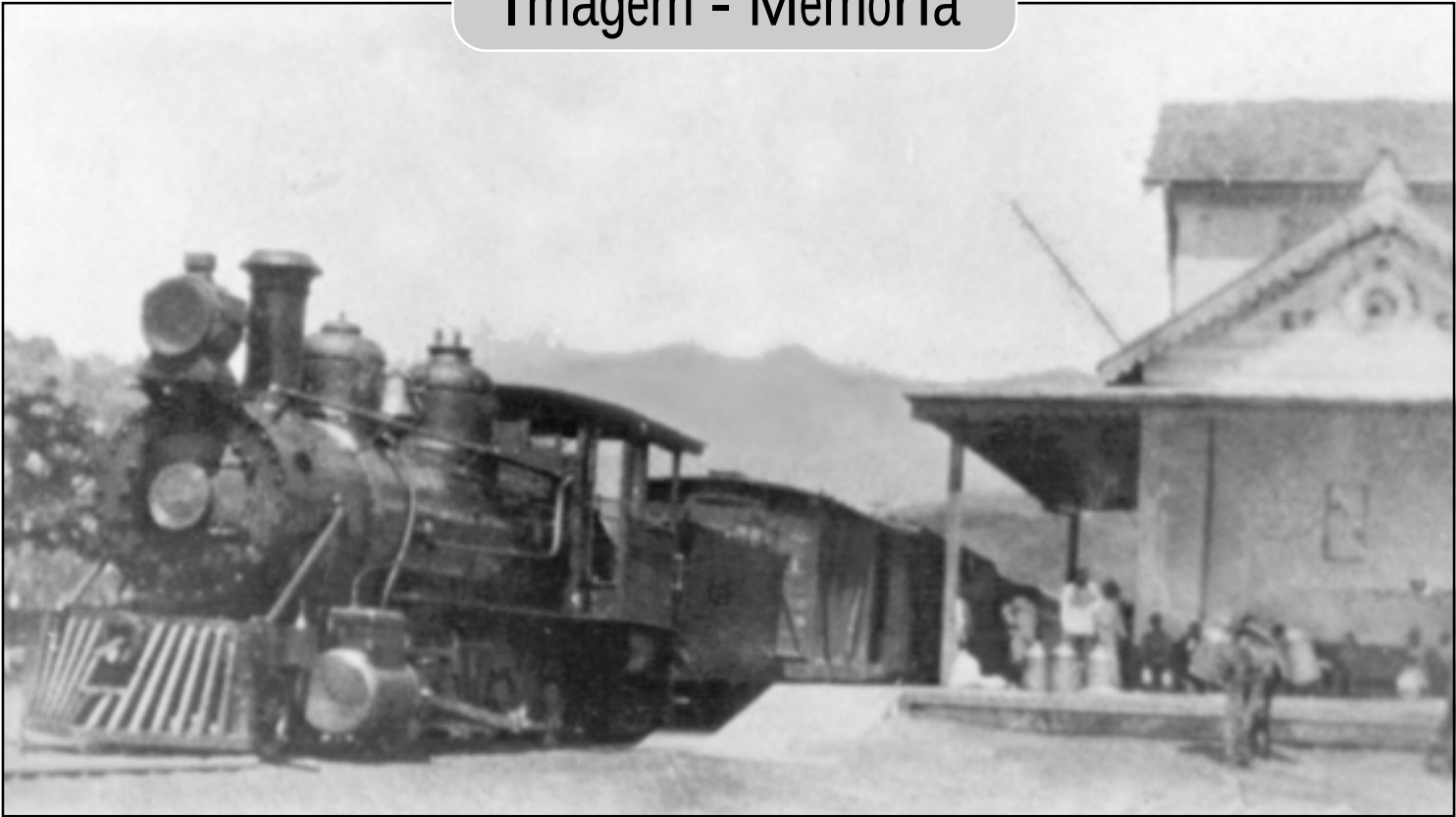
Objetivando a educação, fiscalização, preservação, manutenção e recuperação de áreas degradadas é que o Ministério Público de Piquete reuniu-se em junho de 2005, com diferentes entidades e grupos responsáveis pela preservação do meio ambiente, tanto das esferas federal, estadual e municipal, quanto da sociedade civil, no intuito de fiscalizar e coibir qualquer agravo ao meio ambiente piquetense.

O Ministério Público deve estar alerta quanto às irregularidades e agravos ao meio ambiente. Cabe-lhe sua salvaguarda e a defesa dos direitos coletivos.

Para que essa louvável iniciativa atinja seus objetivos, é preciso que, periodicamente, esse grupo se reúna para troca de informações e prestação de contas.

Piquete não pode ficar na contra-mão da História, deixando de zelar pela natureza. Um olhar cidadão sobre a paisagem que nos cerca aponta-nos que é dever de todos cuidar do meio ambiente. Devemos nos informar sobre as condições dos ambientes que nos circundam, para exercer a cidadania de forma mais consciente. Todo cidadão deve fiscalizar as ações governamentais e pressionar o poder público para o cumprimento das leis ambientais vigentes. Não podemos deixar a natureza ir embora.

Imagem - Memória



O trem chegou a Piquete como símbolo de progresso e modernidade. A construção do ramal-férreo e da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça e a presença do Exército salvaram o município da condição de cidade morta a que estava destinada com a derrocada do café.

A ferrovia e a presença militar em Piquete

No final do século 19, a malha ferroviária paulista estava em franca expansão por quase todo o interior do estado. O café migrara do Vale do Paraíba para as férteis terras roxas do oeste e a ferrovia o acompanhou para transportar a crescente produção até os portos exportadores. Bem antes de sua emancipação política, em 1891, Piquete já sonhava com esse sopro de modernidade. Estudos elaborados por iniciativa particular haviam traçado um ramal ligando o Vale do Paraíba com o Sul de Minas. Apesar dos esforços e do desejo dos piquetenses, a estrada não saiu do papel. Ela só veio a se concretizar após a visita do Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet a Piquete e São Francisco dos Campos, no início de 1902, atendendo convite do Barão da Bocaina. O Ministro da Guerra do governo Campos Salles escolheu essa região para a instalação de uma fábrica de pólvoras sem fumaça e determinou o início da construção de um ramal ferroviário logo após essa visita. Foi constituída, então, uma comissão de engenheiros militares para executar as obras, sob o comando do Coronel Belarmino de Mendonça.

Após quatro anos de trabalho, em 1906 o ramal e a Estação Ferroviária Rodrigues Alves foram festivamente inaugurados. Esse evento, considerado um marco na história de Piquete, contou com a presença do Ministro da Guerra, Marechal Francisco de Paula Argollo, e muitas autoridades, inclusive Washington Luiz Pereira de Souza,

então Secretário da Fazenda do Estado, representando o Presidente de São Paulo.

É fácil imaginar a satisfação e o orgulho com que a população recebeu essas autoridades. O ramal Lorena-Benfica transformou-se numa força civilizatória trazendo para a pacata Vila do Piquete, que vivia isolada nos contrafortes da Mantiqueira, a dezoito quilômetros da Central do Brasil, novidades da capital federal e do Estado. A partir da chegada do trem, a Estação Rodrigues Alves passou a ser ponto de encontro dos anseios da população. Seu movimento era constante. A chegada, cada vez maior, de famílias que para Piquete se mudavam, à procura de empregos, a animava. Logo, no entorno da Estação, algumas residências e pontos de comércio foram construídos. Nos fins de semana, era uma atração para os poucos moradores de Piquete.

Sem perspectivas de futuro, a chegada da ferrovia e das obras militares encheu de esperança a população que, por essa época, girava em torno de 2mil habitantes. O município, que vivia os estertores de uma cultura cafeeira, já não produzia como em décadas anteriores, e voltou a sonhar com melhores dias.

A inauguração da Fábrica, em 1909, veio consolidar a presença militar em Piquete, que deixou de ser uma cidade agrária, para tornar-se dinâmico centro operário. Quase todos os piquetenses passaram a ostentar a condição de funcionário público federal

e a cidade começou a viver em função dessa indústria bélica. Era marcante a influência do Exército no cotidiano do município. A presença militar concorreu para mudança de hábitos dos moradores. Disciplina, organização e planejamento, até então desconhecidos da população, passaram a ser observados. Retidão, ética e cidadania vivenciadas. Houve, também, influência na política local. O mandonismo, comum na “república dos coronéis”, observado desde o início da República, perdeu influência em Piquete, quando mestres operários, com o apoio dos militares da Fábrica, passaram a influenciar no dia-a-dia da cidade.

A inauguração da ferrovia e da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça e a presença militar mudaram o destino de Piquete.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Luiz Mineiro

Não há na cidade quem não o conheça. Apesar de inúmeros amigos colecionados ao longo dos anos, ninguém gosta de recebê-lo em casa. O trabalho por ele exercido nos últimos anos, embora essencial para a sociedade, não é desejado por quem dele precisa. Só nas “últimas horas” é que o procuram...

O piquetense Luiz Eklund Mineiro é o mais velho de três filhos do casal Leonídeo Cândido Mineiro e Geny Zaira Eklund Mineiro. Reside na casa onde nasceu a 28 de outubro de 1939, na confluência das ruas Dr. Américo Brasiliense e 13 de Maio. Suas memórias de infância nos remetem a um tempo em que as ruas de Piquete, ainda não calçadas, eram percorridas por tropas e boiadas. Guarda agradáveis recordações das famílias vizinhas com que conviveu. Emociona-se ao se lembrar do bar do Zé de Souza, do João e dona Marica Roque, da barbearia do Augusto Bastos, do cartório do Zizinho, do comércio da família Salomão, da loja do Zequinha Meirelles, da sapataria do seu Bili, da coletoria do Nhô da Encarnação, do Joãozinho da farmácia São Miguel, das famílias Gifonni, Valentim, Porfírio, Jansen e Alves... Cita, também, que “...a atual praça 9 de Julho era uma arborizada chácara pertencente à Dona Miquelina. Seu pomar era muito freqüentado pelos ‘moleques’ dos arredores”. Ele era um deles... Luiz Mineiro lembra-se do desmorte do morro “realizado pelos bombeiros, à base de jatos d’água, no início dos anos de 1960”.

Freqüentou o Grupo Escolar Antônio João, cujo diretor, Carlos Ramos, era



admirado por todos. Foi aluno de Fernanda Faury e Maria do Carmo Pascoal. A partir do terceiro ano, cursou a Escola Agrícola, sendo aluno de Alice Paceti e Maria Judith Limonge. O diretor era o professor José de Souza Leite. Lá aprendia, na parte da manhã, técnicas agrícolas com os professores Sebastião Chagas, Sebastião Azevedo, Fausto Gomes e Vicente Michelin. À tarde, cursava a Escola de Aprendizagem. Dos onze aos dezoito anos, na Fábrica, foi aprendiz de eletricista, ofício do qual já tinha conhecimento, pois o pai, Leonídeo Cândido, renomado profissional nessa área, lho ensinara. Foi contratado, então, como funcionário federal pelo Ministério do Exército. Trabalhou até 1981, quando se aposentou. Foi na Fábrica que fez inúmeros e insquecíveis amigos.

Após um ano de aposentadoria, ingressou na IMBEL. Paralelamente ao trabalho na Fábrica, passou a ser agente funerário na empresa do filho. Ficou com esses dois ofícios por oito anos, quando deixou o serviço público para se dedicar somente à Funerária Nova Vida, em que está até hoje. Luiz Mineiro conta, com certo humor: “...quando me aposentei como eletricista, era muito procurado para trabalhar nas residências. A partir do momento em que passei a ajudar meu filho na funerária, ninguém mais me chamou...”.

Luiz Mineiro é casado desde 23 de abril de 1960, com Maria Helena Silva Mineiro. O casal tem quatro filhos e sete netos.

Apesar de aposentado, Luiz Mineiro ainda trabalha. A qualquer hora do dia ou da noite, quando a “indesejada das gentes” bate à porta de um piquetense, logo ele é chamado e se faz presente para cumprir sua nobre missão.

Luiz Mineiro (à direita), os pais, Leonídeo Cândido Mineiro e Geny Zaira Eklund Mineiro, e suas irmãs Elza e Nair Mineiro



Biodiversidade: riqueza do Brasil

Terminou no último dia 31 de março, em Curitiba, no Paraná, a 8ª reunião de países signatários da Convenção de Biodiversidade Biológica (CDB), assinada no Rio de Janeiro (Rio 92). O evento contou com representações de 187 países.

O Brasil é um dos países mais ricos em biodiversidade, ou seja, tem o maior número de formas de vida do planeta, tanto de flora, quanto de fauna. Em nosso território encontramos desde os micro-organismos até grandes mamíferos e árvores gigantes. No entanto, estamos perdendo dia a dia esse patrimônio. A acelerada destruição dos diferentes ecossistemas tem levado à extinção de muitas espécies, sem que possamos estudar e conhecer seu verdadeiro potencial.

Para a maioria dos pesquisadores, é na natureza que se encontra a cura para grande parte das doenças. Cresce, portanto, nossa responsabilidade em preservar nossa biodiversidade para o presente e para as futuras gerações.

Dentre os biomas de maior risco de destruição encontra-se a Mata Atlântica, da qual restam apenas 7% da cobertura original do Brasil quando da época do descobrimento.

Nós, piquetenses, temos a responsabilidade de proteger a Serra da Mantiqueira, que ainda preserva significativos fragmentos desse bioma. A FVP é guardiã de um fragmento dessa mata que é considerado verdadeiro santuário por muitos especialistas. Seu isolamento estratégico preservou inúmeras espécies raras já desaparecidas em outros lugares.

Conscientizar a população, principalmente a escolar, da importância de se preservar a Mata Atlântica e as encostas mantigueiras, é uma necessidade premente de todo cidadão. Iniciativas preservacionistas devem partir de toda a sociedade. Para o cumprimento da legislação vigente que protege as Áreas de Preservação Permanente, é fundamental a elaboração de projetos de educação ambiental que apontem a importância da preservação e recuperação de encostas, topos de morros e matas ciliares, exemplos de APPs.

A natureza agradece.

Espécies de mata atlântica em Piquete



King-Kong, o mito revisitado

Dóli de Castro Ferreira

O ser humano ressentir-se de sua incompletude. Talvez, por isso, necessite de mitos, e os cria para satisfazer múltiplos desejos, os quais, mergulhados no inconsciente, vêm à tona, maravilhosos ou assustadores. É o caso do dragão, por exemplo, figura mitológica criada para assustar e afastar heróis à busca de tesouros ou de princesas encantadas. Para amenizar, existem as fadas que, quando benfazejas, dão proteção, indicam caminhos, orientam nos perigos e ficam sempre a postos. Mas, se são más, buscam perversidades e fazem de suas figuras horrendas e assustadoras a designação de bruxas.

Em tudo, para propor a luta entre os opostos e, depois, de duras jornadas, premiar o bem e os bons, e castigar o mal e os maus. Define-se o maniqueísmo como normativo das ações humanas. Quanto mais dura a luta, mais efetivo o prêmio para ser celebrado com honras.

Convencionou-se aos meninos o papel de heróis e às meninas o de belas princesas.

Estava cogitando esses pensamentos por ter mais uma vez, e, em nova versão, assistido ao filme King-Kong. A fascinante figura do gorila levado à mais inquietante discussão acerca da mitologia da fera frente à bela.

E se King-Kong deva ser associado à formas culturais em contraste, nada melhor do que uma ilha paradisíaca no Índico – Pacífico e o ambiente multinacional de Nova Iorque. King-Kong, a fera, é uma metáfora para refletir sobre as ambições humanas e a competitividade em criar o espetáculo cada vez mais grandioso, numa luta desesperada em ser inovador, em ultrapassar os limites do show-business extrapolado em esperteza, longe da moralidade.

Os bestiários são sempre usados nas tentativas de decifração de incógnitas. Há um livro interessantíssimo escrito por Afonso de Escrangnolle Taunay denominado Zoologia Fantástica do Brasil (séculos XVI e XVII), em que o autor comenta como o ignoto ligado à volúpia da riqueza e do poder cria monstros e os alimenta de muita imaginação. Tudo para comentar sobre

aventureiros ávidos de riqueza que se encontravam com outros seres humanos, de “estranho feitio e estranhíssima raça”, e também “com os mil e um monstros refugiados na profundidade da selva americana”. Esta é a história das “descobertas”.

Afinal, diz o próprio Taunay, desde as profundezas dos milênios ancestrais da humanidade vivendo nas cavernas persistia a noção dos seres monstruosos, como



reflexos do subconsciente atávico. Assim também era o Minotauro na tradição cretense que Monteiro Lobato descreveu tão bem nos seus livros infanto-juvenis. A fera dominando os homens. Estes, subser-vientes a elas. Até que um herói ou uma deusa impusesse sua força ou o seu fascínio. E os acervos bibliográficos recheiam-se de lendas, tradições, narrativas e imagens filmadas. Veja-se, por exemplo, entre nós, o Curupira, o Saci-Pererê, os elementos do folclore e da cultura popular povoando nosso imaginário, que aprendemos a temer, incorporando-os.

Fixadas em nosso imaginário, remanescem as feras como sinais de alerta, precaução e desafios. Destruir a fera é ganhar a batalha, mas com astúcia, para enganar a força animalesca. Em King-Kong, a beleza e a fragilidade da jovem atriz loura, como ícone da paixão do gorila, afinal domado e demonstrado às multidões novaiorquinas como objeto para ser consumido. Para se rebelar e morrer de maneira vil, como castigo ao seu comportamento rebelde.

No caso dos labirintos do Minotauro, o fio de Ariadne é estendido pela jovem para

favorecer Teseu, herói vitorioso cheio de paixão. A beleza sempre vencendo a feiúra e premiando o amor.

Será parte do ágape proposto pelo Papa Bento XVI em sua decantada Encíclica Deus caritas est, cujo texto tem a data de 25 de dezembro de 2005? Afinal, uma espécie de fera sedutora, mas perigosa, ameaça o bom cristão como homem em seu mundo – o perigo do marxismo.

Porém, o homem, imbuído de sua natureza, perante Deus, pelo espírito cristão deve saber amar e ter caridade, ainda que esta se expresse pela eliminação. Para a encíclica citada, o foco é humano; mas, se humanizada uma criatura pelos sentimentos expressos, cria-se metaforicamente uma forma inclusiva ou de participação. Assim, se não for possível domá-la para exibi-la, que seja destruída.

Solitário, o King-Kong, acuado no topo do mais alto edifício, o Empire State, no período em que o filme é centrado – época da Grande Depressão, década de 1930, resiste até a morte, numa cena cruel de impotência e resistência. Sem caridade. O poder se impôs. A fera é abatida.

Estive em Nova York, no alto do edifício citado. A visão de 360° de lá sobre a cidade é belíssima. As torres gêmeas do World Trade Center estavam lá. Mais altas do que o Empire State, mas não contemporâneas do King-Kong (hoje não são contemporâneas de mais ninguém).

Reconheci os pontos principais da megalópole. Todo geógrafo sabe que, para conhecer e explorar um espaço, a primeira medida é postar-se no ponto mais alto possível e marcar os pontos-chave. Daí, dirigir-se aos locais e usufruir as diferenças e semelhanças. Isto é, reconhecê-los.

Sob a ação de um vento fortíssimo num dia calorento de verão, perguntava-me de onde fixara essa imagem vista agora “ao vivo”. Meus olhos circundaram a paisagem e o edifício. Na parede interna, uma imagem: King-Kong. Retratado na sua total potencialidade.

Agora sim, sentia-me em Nova Iorque.

“O ESTAFETA” já pode ser lido via internet. Acesse e divulgue nosso informativo

www.fundacaochristianorosa.cjb.net



Bois de Carnaval

Lá estavam os “bois” para o concurso agendado para a segunda-feira de Carnaval. “Bois” de armação estruturada em hastes de madeira colocadas em envergadura para sustentação do corpo. Bem amarradas e calçadas com outros materiais de apoio. O corpo do boi lembra um balaio pelo trançado das hastes, a partir de um eixo costal mais resistente. Coberto por panos que possam representar o corpo do animal, a cor preta costuma ser a preferida para enfatizar o dramático. Nesta coberta são acrescentados motivos coloridos ao sabor das modas, seja em pinturas, seja em formas estilizadas de manchas douradas e prateadas, apliques e acréscimo de brilhos. O rabo do boi completa o arranjo da capa. A cabeça do animal é ajustada à armação, podendo conter os olhos pintados ou reproduzidos em formas de lâmpadas vermelhas que acendem e apagam sob o comando do menino colocado sob a coberta para animar a dança e as “investidas”. O folguedo do boi é dos meninos, exclusivamente. Território macho na imposição das diferenças de gênero. Na tradição, insere-se como motivo de auto-afirmação do masculino, principalmente colocado entre os ritos de passagem.

De vez em quando, na apresentação, um rebola: a mensagem é óbvia. Seguem-se gritos, assobios e chacotas. Todos se divertem.

Porque o riso é como o amor, que, no dizer do mestre Guimarães Rosa, “qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso

na loucura”. Os chifres, na representação do boi, são naturais ou de madeira. O mais importante é parecer verdadeiro, sem ser.



Alguns bois parecem mais maduros na expressão, enquanto outros, de cabeça afilada, mais joviais.

Na noite de segunda-feira carnavalesca, na Praça Duque de Caxias, em Piquete, a festa dos bois se repetiu com o concurso que premiou o boi que tinha o manto guarnecido de babados dourados e prateados, em obra de arte artesanal, com brilhos de purpurina, olhos pisca-piscando, e demais enfeites de efeito – era o “boi Tempestade”. O segundo lugar coube ao “boi” de manto patchwork, em apliques debruados de prata. Acompanhava-se das “mulinhas” com o mesmo motivo nas vestes e seus condutores mascarados. Um deles, com cabeça coberta por máscara de cor clara, semelhante

à argila da origem humana, confeccionada de borracha e pano preto, figurando um “inocente”; e outro, uma figura trágica de grandes dentes, como se fosse um agressor – devorador. Seriam os opostos de vida e morte? Talvez um exercício seria ver o espetáculo sob os olhos de Guimarães Rosa, entendido de bois e gentes, no domínio da fabulação. O boi do terceiro lugar era pequeno comparado aos dois anteriores. Mas como corcoveava! Em geral, sobram vários: pretos, malhados e até com verde-amarelo, com uma bandeira alemã, ou parecia ser, desenhada na corcova.

Restou, finalmente, desanimado entre os outros, um boi grande – o “boi do Bloco do Povão” – que deveria ter recebido algum prêmio, pois remendado e concebido em simplicidade, mas com certos brilhos, dourados e cores denunciava uma elaboração cultivada com carinho.

Afinal, parecia mesmo com o que pretendia ser: um boi de povo improvisando tudo. Mas com alegrias. Um conjunto de caixas de bateria uniformizada do bloco o acompanhava, tendo no conjunto uma menininha tocando bem ritmado um tamborim. Era perfeitamente entendido o rancor e a decepção com que um dos promotores do “boi” bateu no engenho rasgando um pedaço do manto e deixando entrever a “ossadura”. Com a cabeça no chão, este e os demais bois perdedores eram máscaras melancólicas.

Dóli de Castro Ferreira

Mitos e falsas verdades

Mitos e falsas verdades não deveriam ter espaço na educação. No entanto, existem e provocam equívocos freqüentes. Comprometem a qualidade do ensino.

O mais clássico deles: “A teoria na prática é outra coisa”. Na verdade, todos nós sabemos que não há dissociação entre teoria e prática, pois toda teoria, em última análise, nasce da observação e da compreensão da prática. Por isso, refletir sobre a prática é imprescindível aos que fazem educação. Só a reflexão é capaz de articular teoria e prática e de negar o processo educativo intuitivo e espontaneísta que se esconde atrás de falsas verdades. “Eu sou um professor muito prático, odeio teorias, não servem para nada”. Essa fala não tem mais crédito, demonstra formação frágil e conhecimento pobre acerca da educação.

No Brasil, segundo dados do MEC e OCDE, 55,4% dos alunos que terminaram a 4ª série em 2003 apresentaram resultados “crítico” e “muito crítico” em Português. Em Matemática, o percentual chegou a 51,6%. Dados como esses nos desafiam a

acabar com mitos e falsas verdades. Precisamos fazer educação com verdades.

São muitos os mitos, mas chamo a atenção para alguns que se destacam:

- *O professor precisa entender que o aluno constrói o conhecimento sozinho.* Basear-se nessa afirmação é negar a própria essência humana, que é social. Tornamo-nos humanos nas relações que estabelecemos no nosso ambiente de desenvolvimento. A escola é o espaço para que o aluno aprenda o que não pode aprender naturalmente. Isso faz com que o papel do professor seja fundamental. Cabe a ele planejar e sistematizar as situações de aprendizagem.

- *Conteúdos não são importantes.* Não são só importantes, são fundamentais. Você só está lendo este texto porque se apropriou do conteúdo que envolve o ensino da leitura e da escrita. Uma aula vazia de conteúdo é uma aula sem sentido. A aprendizagem se dá através da interação do aluno com o conteúdo, intermediada pelo professor.

- *A memorização é coisa do ensino tradicional.* A memorização é uma impor-

tante habilidade do pensamento, além de muitas outras: reflexão, compreensão, avaliação... Não dá nem para imaginar como seriam as nossas vidas se não memorizássemos várias informações: caminho de casa para o trabalho, agenda dos compromissos, valor dos produtos no supermercado... No ensino não é diferente. Uma vez que o aluno memorizou determinadas informações, pode avançar. Isso não quer dizer que o aluno tenha que ficar decorando informações sem sentido.

- *Nenhum aluno deve ser reprovado.* Isso é um mito, a verdade é outra: nenhum aluno deve ser aprovado sem saber.

No desafio diário de seu trabalho, o professor precisa identificar os mitos e falsas verdades, que são tantos, mas que devem ser desmascarados. A quem se interessar pelo assunto vale a pena ler a reportagem da Revista Veja de 05/04/2006, cujo título é: “Com a palavra o professor”. Vamos falar, gritar, anunciar verdades. É disso que a educação carece.

Laura Cristina Chaves

Crônicas Pitorescas

Faburlesca

José Palmyro Masiero

Era uma vez uma sapinha-moça que andava sonhadora pelos campos e brejos, encucada com uma história que sua avósapa lhe contara, quando ainda era sapinha-criança, sobre uma fada má que transformara um sapo-príncipe em homem. Somente um beijo de amor faria quebrar a maldição e o príncipe voltaria ao seu estado sapal e se casaria com a sapa que o osculara.

Pelas relvas, contando estrelas, a sapinha vivia em enleio imaginando encontrar o homem que não era homem e sim o sapo de seus sonhos. Mas não sabia onde encontrar homens (Lá nos cantões onde morava esse bicho ainda não chegara. Certa vez avistara uma coisa alta que andava sobre duas pernas, feia, desajeitada, e que a assombrara, e disseram-lhe as saponas idosas ser um homem). O sonho alimentava a sapinha que vagava e vagava por horas e horas em devaneio. . .

O amor era muito forte e ela tomou uma resolução! Iria atrás dos homens e encontraria, onde estivesse, seu sapo-encantado, atualmente enfeitizado. Arrumou pouca coisa e deu nos pulos. Pula que pula, atravessa campos e mais campos, montanhas... Era noite. Avista luzes e chega-se. Uma cidade. Barulhos infernais que a aterrorizavam... Luzes faiscantes que a cegavam... Movimentos rápidos e desesperados que a estonteavam... Pensou em fugir, mas avistou bichos, muitos bichos altos, andando sobre duas pernas, feios, desajeitados... Eram os homens! O amor sobrepujou todo o medo, o susto e o espanto que a acometeram. Recostou-se num continho e ficou só de botuca nos transeuntes. Examinava, observava, considerava, analisava... Não! Não! Não! Aqueles jamais poderiam ser príncipes amaldiçoados! Pareciam contentes da vida! Eram simples homens mesmo, nunca um

príncipe-sapo enfeitizado. Consternada, saiu do centro e encontrou um parque onde se sentiu bem mais à vontade. Abundou-se para descansar, embora o que lhe pesasse mais fosse a desilusão de não pressentir em nenhum daqueles que vira o menor resquício de seu príncipe encantado.

Foi aí que avistou... Deitado num gramado, esfarrapado, com ar famélico, dormia um mendigo. Ela aproximou-se aos pulinhos, admirou-o e sentiu no seu coração de sapa apaixonada que era o príncipe metamorfoseado em homem pela ação da fada má. Não havia dúvida no seu pensamento: aquele, sim, era ele, o pobre príncipe-sapo ou, no entender dela, sapo-príncipe.

Envolvida em afeição, lembrou, por fim, que somente um beijo de amor poderia fazê-lo voltar à sua condição de sapo real. O homem, de barriga para cima, dormia ressonando e roncando como um motor rateando. Não resistindo, a sapinha voluptuosamente cerrou os olhos e, num ímpeto de amor incontido, jogou-se sobre a boca do dorminhoco. Nesse exato momento ele bocejou e a arrebatada sapinha foi parar lá na goela do homem. Meio sufocado, este deu um pulo e, a muito custo, conseguiu fazer aquilo passar pela garganta e acabou engolindo a sapinha. Apesar do susto, o homem sentiu que sua barriga estava cheia e ficou imaginando que um anjo bom lhe trouxera um petisco para matar a fome. Dentro da barriga do homem, a sapinha, desconfortável, sentia desvanecer seu sonho de amor na escuridão e em tritramento... O mendigo levantou-se sentindo um gosto acre na boca, mas sem fome, e foi procurar água para lavá-la...

Moral 1 – Em amor não deve haver vôo cego.

Moral 2 – Dependendo da circunstância, vale a pena engolir um sapo.

Excesso de Velocidade

Edival da Silva Castro

Há tempos, quando ainda policial rodoviário, fazia operação de controle de velocidade na estrada que liga Caraguatatuba a São Sebastião – SP 55.

Por volta das 9h, equipe postada no Km 212 da rodovia, radar ligado, tempo lindo.

A velocidade permitida para o local era de 80km/h e, para não haver polêmica, o radar fora regulado para 100km/h.

A operação transcorria normalmente, até que, de repente, o bip do radar disparou e a velocidade registrada no visor era de 150km/h.

A equipe toda saiu para o centro da pista, a fim de conter o infrator.

O carro, um Dodge Dart verde com teto de vinil preto, de placas AA-9090, foi parado.

O condutor, com as mãos no peito, falou:

– Seu guarda, seu guarda, socorre-me, estou enfartando.

Às pressas, tiramos o cidadão do volante, acomodamo-lo na maca da viatura e, com toda velocidade possível, com sirene ligada e faróis acesos, partimos para o hospital Stella Maris, de Caraguá.

Após deixar o cidadão sob os cuidados do médico, retornamos à pista a fim de dar continuidade à operação.

Esse foi mais um episódio corriqueiro no cotidiano de um policial rodoviário.

Passado algum tempo, aconteceu um acidente nas imediações de Caraguá, e a equipe que deu cobertura ao sinistro era a mesma daquela do controle de velocidade. As vítimas foram socorridas no hospital Stella Maris e, coincidentemente, o médico de plantão era aquele que havia cuidado do motorista enfartado.

Após as providências tomadas e dados das vítimas registrados, já de saída do hospital, alguém se lembrou e perguntou ao médico:

– Doutor, lembra-se daquele caso do cidadão que enfartou no volante do carro? E ele, conseguiu sair daquela?

– Ah, seus guardas! Nem conto pra vocês! Aquele cara, depois que vocês saíram, levantou-se e, sorrindo, veio me dizer que tudo não passava de uma farsa. Simulou o enfarte para se livrar da multa.

Todos falaram ao mesmo tempo:

– Não brinca, doutor... E daí?

– Daí, seus guardas, quem ficou irritado fui eu. Ao medir a pressão arterial do mesmo, também simulei uma pressão alta; então tive que deixá-lo em observação. Chamei a enfermeira e orientei-a par fazer-lhe lavagem intestinal. E sabe, com seringa de meia polegada, para que ele ficasse esperto.

Risadas encheram o hospital de alegria.

– E daí, doutor?

– Ele ficou amarelo de tanto evacuar, ligou o carro e saiu devagarinho.

Mais risadas. Agora, de bem-feito.

22 de abril: 506 anos de Brasil!



Foi numa embarcação como essa que, em 22 de abril de 1500, Pedro Álvares Cabral, comandando uma esquadra de 13 caravelas, avistou o litoral do Brasil. Estava na atual Baía de Porto Seguro, no estado da Bahia.

Acreditando ser uma ilha, batizou a nova terra de Ilha de Santa Cruz, primeiro nome de nosso país. Depois vieram Terra de Santa Cruz e Brasil.

Iniciado mais um projeto da FCR: “Comitê das Águas: Suporte Operacional para Encontros Técnicos e Capacitação em Elaboração de Projetos”

PROJETOS

Cerca de 100 pessoas participaram do **Curso de Capacitação de Agentes para Elaboração de Projetos** organizado pela Fundação Christiano Rosa (FCR), em Piquete.

O evento aconteceu nos dias 25 e 26 de março e 01 e 02 de abril, no Clube Recreativo Estrela do Norte. Inédito no Vale do Paraíba, o curso contou com participantes de 32 municípios do Cone Leste Paulista (Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Litoral Norte).

O projeto **“Comitê das Águas: Suporte Operacional para Encontros Técnicos e Capacitação em Elaboração de Projetos”** foi elaborado pela FCR, considerando-se as dificuldades que os municípios e ONG’s enfrentam na elaboração de projetos destinados à captação de recursos, especialmente os voltados à preservação dos recursos hídricos em instituição financiadoras, seja pela carência de profissionais habilitados ou por desconhecimento dessas fontes. O Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS) contratou, por meio do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO) e do BANESPA, seu agente financeiro, a FCR, para executar e coordenar esse curso.

O projeto foi direcionado aos agentes de Prefeituras municipais, ONG’s e membros dos Comitês Municipais das Águas.

ABERTURA

O curso foi iniciado com as palavras do Prefeito de Guaratinguetá, Gilberto Filippo



Gilberto Filippo Jr. durante a abertura dos trabalhos



Paulo Valladares Soares



Paulo Noia de Miranda, Presidente da FCR, durante a abertura dos trabalhos

Jr., Presidente do CBH-PS, que enalteceu a importância do projeto desenvolvido pela FCR. Em nome do CBH-PS, agradeceu a iniciativa e desejou que todos pudessem aproveitar os conhecimentos que estariam sendo colocados à disposição.

A solenidade aconteceu às 9h do dia 25 de março, nas dependências do Clube Recreativo Estrela do Norte, e contou com a presença do Presidente e do Diretor Executivo da Fundação Christiano Rosa, respectivamente Paulo Noia de Miranda e Dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves; do Secretário Executivo do CBH-PS, Edilson de Paula Andrade; do Diretor Técnico do COFEHIDRO, Eng. Renato Idas Leoni; do Secretário Executivo do CBH-SM, Nazareno Mostarda; do Coordenador de Organização dos Comitês das Águas Municipais, Lázaro Tadeu Ferreira da Silva. A IMBEL, parceira da FCR, foi representada por seu Chefe de Gabinete, Cel. Alfredo Maurício de Araújo.

AS PALESTRAS

Para os quatro dias de trabalhos foram escolhidos palestrantes com alto grau de conhecimento e experiência nos conteúdos ministrados, além do consultor Ricardo de Souza Santos Falcão.

Dia 25 de março:

Geólogo Edilson de Paula Andrade: CBH-PS – Programas e Novos Desafios

Eng. Renato Idas Leoni: Manual de Operações FEHIDRO

Eng. Flávio Simões (AGEVAP): Manual de Operações do CEIVAP



Edilson de Paula Andrade

Prof. Joaquim Rodrigues dos Santos (Secretário de Meio Ambiente de Pindamonhangaba): Plano de Bacias Hidrográficas

Dia 26 de março:

Dra. Paula Guimarães de Souza (OAB/SP): Legislação Aplicada

Dr. Paulo Valadares Soares: Acompanhamento de Processos

Arq. Ana Maria de Gouvêa: Execução de Contrato e Documentação

Eng. Jovino Paulo Ferreira Neto (EDR/CATI): Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas

Dia 01 de abril

Antônio Eduardo F. Alves: Financiamentos de Projetos (CEF)

André Luiz de Paula Marques (SAAEG – Guaratinguetá): Prestação de Contas

Eng. Alexandre Gonçalves (Agência de Desenvolvimento de Campos do Jordão): Projetos – Cases

Arq. Júlia de Andrade Meirelles Vieira (Instituto ING-ONG de Planejamento Socioambiental): Orçamentos

Dia 02 de abril

Ricardo Falcão: Elaboração de Projetos e Captação de Recursos

Prof. Lázaro Tadeu F. Silva: Formação de Multiplicadores.

O Economista Ricardo Falcão, sócio-gerente da RFalcão Consultoria e Planejamento Ltda, é consultor renomado na área de elaboração, gerenciamento e avaliação de projetos, planejamento, gestão estratégica, captação de recursos. Dos trinta anos de vida profissional, vinte foram dedicados a trabalhos na iniciativa privada, na Organização das Nações Unidas (ONU), na United States Agency for International Development (USAID) e em organizações da sociedade civil.

Todo o material utilizado durante os quatro dias de curso foi disponibilizado em CD para os participantes, que, ao final, realizaram uma avaliação dos trabalhos, a qual indicou o sucesso da iniciativa.

O projeto ainda prevê mais dois seminários, um curso e dois encontros.



Ricardo Falcão

Fundação de Piquete presente em Simpósio do IEV e UNIVAP

A Fundação Christiano Rosa participou, durante os dias 16 e 17 de março, em São José dos Campos, do Simpósio “O Rio Paraíba do Sul – passado, presente e futuro”, realizado pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), Comitê das Bacias Hidrográficas do Rio Paraíba do Sul (CBH-OS) e Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP).

O evento contou com a presença de renomados palestrantes como o geógrafo e ambientalista Doutor Aziz Nacib Ab’Saber, professor emérito do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP); o arquiteto José Pedro de Oliveira Costa, mestre em Planejamento Ambiental pela Universidade da Califórnia (Berkeley/USA) e doutor pela USP.



A FCR montou um “stand” nas dependências da UNIVAP, no qual apresentou parte de seus trabalhos. Foi representada no evento pelo seu Diretor Executivo, Dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves, e pela Presidente do Conselho

Curador, Ana Maria de Gouvêa, que aproveitaram a oportunidade para discutir com o arquiteto José Pedro de Oliveira Costa e o ambientalista Aziz Ab’Saber, questões referentes à recuperação e preservação das encostas do Vale do Paraíba e da Área de Preservação Ambiental da Mantiqueira (APA), da qual Oliveira Costa foi o idealizador.

Além das palestras e comunicações, o Simpósio constou da exposição “Café com leite e samba, navegando pelo Rio Paraíba do Sul”, de autoria do professor e ambientalista Fernando Celso Wendling Ananias, com fotos aéreas e terrestres da bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul, focando aspectos históricos e culturais e problemas que envolvem o rio.

“Flashes” do Curso de Capacitação de Agentes para Elaboração de Projetos

Foi grande a procura por esse curso (leia matéria na pág. 7). Poucos dias após a abertura das inscrições, as vagas já haviam sido preenchidas. Durante os quatro dias do curso, o alto nível dos palestrantes manteve a atenção de todos. O envolvimento dos participantes fez com que importantes assuntos fossem tratados, dúvidas esclarecidas e sugestões dadas.

Durante os intervalos das palestras, os participantes puderam trocar experiências e se descontraíam com música ao vivo e um saboroso café. O ponto alto foi a apresentação do Grupo de Jongo de Piquete coordenado pelo Professor Gilberto Augusto, em que houve interação dos participantes. Os restaurantes Paluana e Xero-Verde ficaram lotados nos quatro dias de palestras e as pousadas do município receberam hóspedes das cidades mais distantes, movimentando-se, assim, a economia do município.



Zé do Paraíba



O salão repleto de participantes



Teca Gouvêa e Edilson de Paula Andrade



Eng. Jovino Paulo F. Neto



André Luiz P. Marques



Arq. Júlia Meirelles



Prof. Joaquim R. Santos



Eng. Flávio Simões



Eng. Alexandre Gonçalves